**VOCÊ INVESTIDOR – CAPÍTULO III**

Neste capítulo iremos tratar especificamente de ações, mas, como já fizemos anteriormente, pedimos a vocês, leitores, que estendam aos fundos imobiliários, no que couberem, as considerações e os conceitos que a respeito delas, ações, iremos abordar. Combinado?

Podemos prosseguir então, indo direto para vermos exatamente o que é uma ação e verificamos que além da clássica “ação é o menor pedaço de uma empresa”, há definições escritas de várias formas, mas todas querendo significar a mesma coisa, que é “Ações são títulos representativos de frações do capital social de uma empresa”, simples assim. Uma empresa é formada por um capital financeiro, integralizado por um ou mais sócios, e os bens imóveis, móveis, semoventes etc. que formam o patrimônio dela, que podem ser de vários tipos, os quais são estabelecidos em razão de especificidades como valor do faturamento anual, tipo de regime fiscal, tamanho etc.

São estes os tipos de empresas: Sociedades Anônimas (S/A), as únicas que têm seu capital social representado por ações, as demais são formadas ´por cotas; Sociedades Limitadas (LTDA); Sociedades Simples (SSA); Microempreendedores Individuais (MEI); Sociedades Limitadas Unipessoais (SLU); Empresário Individual (EI)

Para se saber quanto vale uma empresa, seu valor de mercado, há que se considerar alguns outros componentes, além dos já citados, como por exemplo o valor da Marca, que advém principalmente da qualidade de seus produtos, que sejam de sua própria produção ou apenas por ela comercializados.

A soma de tudo isso, acrescida de mais alguns elementos, como “o valor de uma carteira de clientes” e outros mais, resulta no valor final da companhia, valor que é representado por milhares, milhões ou até bilhões de ações, que são frações daquele patrimônio todo. A essas empresas se dá a classificação de Sociedades Anônimas, ou sociedades de capital aberto, as quais têm suas ações listadas e comercializadas na Bolsa de Valores do Estado de São Paulo e das quais poderemos nos tornar sócios, adquirindo seus papeis no pregão diário por ela promovido, e, em nos tornando sócios, passarmos a ter o direito de participarmos dos lucros, através do recebimento de dividendos, e da valorização dos papeis

Para ilustrar e termos uma visão aproximada do tamanho da “criança”, vale lembrar que em abril deste ano uma grande empresa brasileira, cujas ações tinham atingido valor que, segundo seus controladores, estava muito elevado, o que dificultava uma maior negociação na Bovespa, resolveu desdobrar a quantidade total existente de suas ações, e transformou cada uma em duas, mas – às vezes tem um mas no meio do caminho - na data em que foi efetivada essa operação, simultaneamente o valor de cada ação foi reduzido à metade daquele pelo qual estava cotada na B3. O objetivo foi atingido, sem que tivesse havido alteração no capital da empresa e dos acionistas, que viram duplicar a quantidade de seus papéis, pelo que ganharam mais liquidez, e ser reduzido à metade o valor unitário de suas ações.

Quantas ações foram duplicadas e em quantas ficou dividido o patrimônio da Companhia? A resposta à segunda pergunta é 5.730.834.040, mais de cinco bilhões e setecentos milhões. Multiplique esse número pela cotação de hoje da ação na Bovespa e você terá o quanto vale aquela empresa.

Estamos falando de ações e, acreditem, há inúmeras grandes companhias desse porte listadas na Bolsa paulista.

Às vezes, como dissemos acima, uma ação atinge uma cotação tal que dificulta aos investidores sua aquisição, pois a compra de uma quantidade comum, que é composta por 1000 ações, ou 10 lotes de 100 ações cada, se cotadas a 80 reais custará ao investidor oitenta mil reais, o que restringirá a comercialização do papel, principalmente para pequenos e até médios aplicadores, dos quais alguns se propõem investir um pouquinho a cada mês, em torno de 200 reais, com o que conseguirá tão somente comprar uma cota de Fundo Imobiliário, por l60 reais, sobrando-lhe apenas 40 reais, insuficientes para uma ação de 80 reais mas viável para uma de R$ 40,00. Essa é a principal motivação alegada pelas empresas para promoverem o desdobro de suas ações: dar maior liquidez ao sistema, e facilitar a inclusão do pequeno aplicador, o que nos parece coerente, sensato e justo

Nos Estados Unidos o sistema é diferente, lá você pode comprar fração de uma ação, não precisa obrigatoriamente comprar ela inteira e tampouco lote padrão de 100 unidades, como aqui no Brasil. Só que uma ação lá custa em média 380 dólares, o que corresponde hoje a quase dois mil reais. Se não houvesse essa possibilidade de adquirir parte do papel, através do que é chamado de mercado micro fracionado, seria um sistema para , pois parece que lá eles não fazem o desdobro, solução caseira da bolsa tupiniquim, que realmente não sabemos se é adotada em outros países, mas que se não for eles não sabem o que estão perdendo.

O valor da empresa então é diretamente proporcional à cotação de suas ações na Bovespa, cotação essa que multiplicada pela quantidade de suas ações deverá corresponder ao seu preço final. Há, porém, companhias cujo valor parece fugir dessa regra. Quem está afeito a assistir, ou apenas ouvir, os noticiários econômicos na mídia, de vez em quando depara com expressões como “suas ações estão cotadas abaixo de seu valor de mercado”, traduzindo uma situação em que a companhia vale mais que o indicado pela cotação oficial de suas ações, podendo acontecer também o inverso.

A empresa Facebook começou com o Mark Zuckerberg e alguns poucos sócios e logo começou a crescer vertiginosamente. Quando ela passou a ser de capital aberto, com ações cotadas na bolsa americana, muitos daqueles sócios iniciais, que já não eram poucos, ficaram milionários e o Mark bilionário. No capítulo anterior demos um exemplo envolvendo quatro diferentes empresas de uma cidade de porte grande, nenhuma de capital aberto, às quais, para você poder se tornar sócio, tem que ser amigo do dono ou de um de seus já sócios, geralmente poucos, conciliar seus interesses com os deles, o que pode ser problemático, a menos que a empresa esteja pretendendo ampliar suas atividades e necessite do aporte de dinheiro para isso, ou que tenha algum outro motivo para buscar ou aceitar um novo sócio.

Mas você não consegue fazer essa adesão pela internet, geralmente tais ajustes envolvem assinar contratos, aparar arestas, negociar direitos e deveres, tudo ao vivo e a cores. Se a gente der sorte e se associar a uma companhia que venha a ser uma nova Facebook, maravilha. O ruim é que geralmente quando estamos, como agora, na melhor parte do sonho, acordamos e deparamos com uma outra realidade. Mas há exceções.

Quando uma empresa é criada pela união de alguns sócios, tendo um deles investido importância maior quer os demais, ele terá direito a maior número de ações e consequentemente maior poder de decisão, quantidade que deverá ser maior que 50 por cento, garantindo-lhe essa posição. E assim que for definido o valor do empreendimento, estabelecer-se-á o valor pelo qual cada ação será lançada no mercado.

A cada sócio corresponderá quantidade de papeis proporcional ao capital que aportou para viabilizar a companhia, a qual, antes de fazer a destinação das ações que serão ofertadas no lançamento, poderá manter certa quantidade como reserva estratégica que, se necessário, eventual e oportunamente será transformada em lançamento secundário de ações.

A estreia de uma empresa na Bovespa, que se dá com o lançamento de ações, é chamada de IPO, ou Initial Public Offering, do original inglês para a “Oferta Pública Inicial” de ações, evento geralmente precedido de muito oba oba, muita propaganda e previsões auspiciosas. Mas, nós temos que ficar alertas, pois o objetivo final do lançamento de ações não é distribuir benesses, mas sim captar recursos que alardeiam serem necessários para o crescimento da empresa, crescimento que irá gerar proventos e valorização das ações.

Mas nós que somos investidores que já temos critérios bem estabelecidos para nossos negócios, vamos checar nossa lista e vemos que um dos nossos pilares é o de não investir em empresas em IPO, e outro é o de só investir em empresas que estejam há mais de 5 anos na Bolsa de Valores, por uma série de razões, mas principalmente por não dispormos ainda de parâmetros para avaliação adequada dos vários itens relativos à suas performances, dos rumos que vão ser dados a ela e também por sermos aficionados do longo prazo.

Muito cuidado, pessoal, porque assim como há boas empresas e bons empresários, há os que não são assim tão bons e tem muita gente ganhando dinheiro para promover e levar muitas outras para esses IPO, fazendo com que os papeis tenham uma alta artificial em sua cotação, que dispara no curto prazo, o que não se sustenta e logo desaba, deixando muita gente falando sozinha.

Certa vez ouvimos um youtuber dizendo que foi num IPO a vez em que ele mais ganhou dinheiro, o que pegou mal porque muita gente perdeu dinheiro naquele IPO. Ele bem que tentou reverter a situação, dizendo que na sequência havia perdido dinheiro, mas o estrago já estava feito. Se ele perdeu mesmo dinheiro é discutível, mas o fato é que a mídia fez uma super campanha para levar muita gente ao IPO, gente que colocou seu dinheiro nessa roubada e viu o valor da ação despencar em pouquíssimo tempo e teve que amargar o prejuízo.

Nós não investimos em IPO e muita gente acha que estamos errados pois podemos perder uma supervalorização. A quem pensa desse modo dizemos segure a emoção, meu amigo, minha amiga, nós não agimos na emoção, para nós existe um prazo mínimo de 5 anos de vivência da companhia na Bolsa, para que possamos analisar seus prós e seus contras. E ponto. Nada de correr riscos desnecessários

Isso de não investirmos em empresa que esteja estreando na B3 é um de nossos pilares de sustentação, que, como o pilar de uma edificação, não pode ser quebrado, porque se o for, mesmo que parcialmente, toda a construção poderá desabar.

Esta palavra, pilares, nos traz uma ideia de força, de sustentáculo, e nos lembrou de um livro famoso chamado Os Pilares da Terra, sucesso de crítica e de público, obra prima do autor Ken Follett, com mais de 18 milhões de exemplares vendidos no mundo todo, traduzido para diversos idiomas. É um clássico fantástico, desenvolvido nas apenas 941 páginas da edição que está na estante da casa de meu pai, que recomendamos sem medo de errar.

Retomando nosso tema, dizíamos que não investimos em companhias que estejam debutando no mercado acionário, por várias razões, entre as quais por não sabermos como elas irão se comportar ao entrarem na Bolsa, pois que a empresa é uma coisa antes de entrar na B3 e pode ser uma outra depois desse ingresso. Trata-se da mesma empresa, claro, mas essa mudança de status pode fazer mudar muitos padrões, ela pode ter tido ótimos resultados antes, mas poderá não os repetir nesta nova fase.

Precisamos ficar espertos, não podemos ser inocentes, pois sabemos que existe muita gente bacana, empresas idôneas, tem muita coisa legal, porém também tem o reverso da moeda, gente que vive às custas de outras, há as empresas de fachada e uma gama de pessoas mal intencionadas, o bem e o mal convivendo numa simbiose de causar inveja a Edgar Allan Poe, escritor americano, autor de O Corvo, criador do conto de terror moderno e de suspense, precursor da ficção científica e da história policial.

Há neste território, o dos investimentos, uma síndrome cujo nome em inglês é “fear of missing out”, que significa medo de ficar de fora, problema que atinge muita gente em várias situações, especialmente nas IPO, que parece mais um efeito manada, só que ao contrário, pois neste todo mundo quer entrar, temendo deixar de ganhar, e naquele outro todo mundo quer sair, temendo perder.

E na realidade temos que administrar muito bem este tipo de situação, o que conseguiremos lendo e estudando bons livros que tratem de investimentos, participando de cursos, buscando entender de verdade o que é investir. Nós sequer olhamos para uma empresa enquanto ela não atingir a maioridade de 5 anos em bolsa de valores, mesmo que seja uma companhia de que gostemos muito, pois gostamos mais ainda do nosso dinheiro.

Algo semelhante acontece no caso da privatização de uma estatal, como está acontecendo agora com a Sabesp, que é a empresa de saneamento básico do governo do Estado de São Paulo, com muita gente nos mandando mensagens e com sintomas de estar com a síndrome do medo de ficar de fora, insistindo que temos que participar.

Por nosso lado dizemos para termos muita calma nesta hora, as ações da Sabesp provavelmente vão oscilar bastante até chegar o momento em que for

sacramentada a privatização, pois o mercado gosta de empresas não estatais e a tendência é de que a ação cresça. Nós não precisaremos investir e tampouco ficarmos com medo de perder o bonde da história e fora do crescimento que certamente virá, porque quando uma estatal é privatizada geralmente passa por um processo semelhante a uma outra síndrome, a síndrome da empresa particular, que vem repleta de austeridade, eficiência, modernização, racionalização e vários outros atributos que vão transformá-la em empresa rentável, competitiva, dinâmica e principalmente com o espírito de uma dessas pujantes companhias particulares, bem administradas, com tudo para performar muito bonito.

Então fique tranquilo, pois se você não se tornar sócio da Sabesp agora, poderá em breve concretizar esse objetivo. Nós, o pessoal da nossa galera, não vamos entrar, pois não faz sentido para nós, mesmo que a Sabesp seja uma situação diferente, porque ela já está na Bovespa há muito tempo, desde 1997, então teoricamente não precisaríamos mantê-la sob a quarentena dos 5 anos. Acontece, porém, que esse tempo todo que ela passou já listada na B3, foi na forma de estatal, sujeita a ingerências políticas e a outros tipos de interesses e agora, se for realmente privatizada, vai ser uma nova empresa que, mesmo contando com a expertise de pessoal qualificado, terá um outro grupo no seu comando, que precisará de um tempo para dizer a que veio.

Daqui a 5 anos, se for o caso, poderemos desfrutar de uma Sabesp dinâmica, pujante e em crescimento. Não precisamos ficar apreensivos porque estão dizendo que a privatização vai fazer isto, vai fazer aquilo. Vamos esperar acontecer e aí, tranquilamente, sem abalos, faremos o que nos for mais conveniente. Não façamos como algumas pessoas mais afoitas que, com medo de perder o bonde da história, acabam entrando na frente dele e sendo por ele atropeladas.

Reciclagem final: ação é uma fração do capital social de uma empresa, cota e a mesma coisa, só que em relação a fundos imobiliários. A partir do instante em que compra uma ação, você passa a ser sócio da empresa que a emitiu e a desfrutar dos rendimentos e valorização que forem gerados. Nós investidores de verdade temos nosso foco nas empresas e não investimos nas que estejam passando por IPO, preferindo esperar por no mínimo cinco anos para colocar aquela companhia em nossa carteira de investimentos, sem pressa, com segurança.